

**"Sorvedouro de pessoas": a narrativa do testemunho em *K. Relato de uma busca e Os visitantes*, de Bernardo Kucinski**

*"People's maelstrom": the testimonial narrative in K.: relato de uma busca and Os visitantes, by Bernardo Kucinski*

Alan Brasileiro de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo focaliza os romances *K. relato de uma busca* (2016) e *Os visitantes* (2016a), de Bernardo Kucinski, propondo o desenvolvimento de uma chave de leitura para as duas obras a partir da análise do modo como o narrador articula o testemunho das memórias geradas no contexto do período ditatorial que vigorou no Brasil entre os anos de 1964 e 1985 nas narrativas que compõem a urdidura dos dois textos e quais os possíveis efeitos de sentido podem ser depreendidos dessa operação.

**Palavras-chave:** Testemunho; Narrador; Romance; Bernardo Kucinski.

**Abstract:** This review focus on the novels *K. relato de uma busca* (2016) and *Os visitantes* (2016), by Bernardo Kucinski, proposing the development of a key of reading to both works from the analysis of how the narrator articulates the testimony of the memories generated in the context of the dictatorial period that was in force in Brazil between 1964 and 1985 in the narratives that compound the plots of both texts and what are the possible effects of meaning that could be understood from this operation.

**Keywords:** Testimony; Narrator; Novel; Bernardo Kucinski.

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília – Brasil. E-mail: [brasileiro\\_alan@hotmail.com](mailto:brasileiro_alan@hotmail.com).

## 1. O que se diz sobre a noite

No arremate da crônica “Quatro momentos do golpe”, Moacyr Scliar (2006, p.100) comenta: “A ditadura foi uma longa noite composta de muitos, e terríveis momentos.”; é possível que, mesmo transcorridas três décadas desde o encerramento do regime militar, ainda estejamos amanhecendo, lançados em um processo de rememoração que implica a tentativa de compreender e verbalizar as marcas das violências perpetradas pelo Estado no corpo do país em cada um dos “muitos e terríveis momentos” de que nos fala o prosador gaúcho. A elaboração estética desse período já há algum tempo está inscrita, dentre outros espaços e formas de produção cultural, como eixo discursivo de uma série de obras da literatura brasileira contemporânea, sobretudo em romances como, por exemplo, *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles (1973), *Reflexos do Baile*, de Antonio Callado (1976), e *Em câmara lenta*, de Renato Tapajós (1977), vindos a lume ainda no bojo da Ditadura Militar, bem como em exemplos mais recentes: *Azul corvo*, de Adriana Lisboa (2010), *K. relato de uma busca e Os visitantes*, de Bernardo Kucinski (2011) (2016), e *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende (2016). Mais do que um contraponto ao “desafio da expressão”, tomando de empréstimo as palavras de Jaime Ginzburg (2003), que o regime impunha com os mecanismos de censura, compreendemos que nestas obras deflagra-se um movimento de afirmação da (re)existência dos sujeitos sobreviventes e de um país sobrevivente, isto pela conformação no discurso literário das vivências imediatas, por assim dizer, e, recentemente, do testemunho daqueles e daquelas que de algum modo foram atravessados pelo trauma ditatorial.

Se observarmos a fatura desse vértice da produção narrativa encontraremos um primeiro conjunto de romances publicados ainda dentro da noite do estado de exceção, como nos exemplos indicados acima, que podem ser lidos como vozes surgidas de um primeiro impulso de expressão diante do recrudescimento e do acirramento do contexto experienciado pelo país naquele período, isto de tal modo que, segundo Regina Dalcastagnè (2013, s.p.), tais obras, em seu acabamento estético, “nos dão a sensação de que estão em

suspenso, sem um final possível [...]”, apontando, assim, para os modos de funcionamento dos jogos de poder em uma disputa que ainda estava sendo travada e parecia longe do fim. O outro conjunto diz respeito, aqui já em uma ampliação do pensamento da professora, aos relatos lançados entre o final dos anos 2000 e a década presente, temporalidade que pode ser melhor demarcada a partir da consideração dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade entre 2012 e 2014, observados, neste sentido, como prováveis propulsores da retomada da reflexão sobre os acontecimentos decorridos entre 1964 e 1985. Os romances que compõem este segundo conjunto presentificam em sua arquitetura uma preocupação com a elaboração do passado, em um trabalho que se efetiva, em boa parte dos casos, a partir do testemunho das memórias engendradas pelo trauma da ditadura. É necessário salientar que ao lado do aumento das publicações que partem ou que ao menos tangenciam uma abordagem desse tema há, notadamente, um aprofundamento da crítica literária nesses meandros, que se faz sentir pela quantidade de disciplinas, eventos, artigos, dissertações, teses, enfim, da produção científica voltada tanto para o estudo destas obras e quanto para aquele período; mesmo este texto constitui um tímido exemplo do que dissemos.

Seguindo este eixo, neste breve estudo circunscrevemos o nosso olhar nos já citados romances do escritor paulista Bernardo Kucinski, *K. Relato de uma busca* (2016)<sup>2</sup>, e *Os visitantes* (2016a), propondo o desenvolvimento de uma chave de leitura para as duas obras a partir da análise do modo como o narrador de ambos os textos articula na urdidura dos romances o testemunho das memórias geradas no contexto do período ditatorial. A nossa compreensão de que o que há nos textos que formam os nossos *corpora* se trata de um testemunho organizado ficcionalmente nas páginas dos romances parte do confronto entre aquilo que aparece inscrito nestes relatos e o que é dito nos documentos oficiais que tratam sobre o tema desenvolvido por Kucinski em suas

---

<sup>2</sup> *K. relato de uma busca* marca a estreia de Bernardo Kucinski na literatura, tendo sido publicado originalmente em 2011, pela editora Expressão Popular. O romance obteve imediato sucesso de público e de crítica, de modo que nestes seis anos que nos separam do seu lançamento ele já foi editado outras quatro vezes, as duas primeiras pela Expressão Popular, a terceira pela extinta Cosac Naify e a última edição, com a qual trabalhamos neste estudo, pela Companhia das Letras, em 2016.

obras. Compreendemos que este pode ser, à primeira vista, um argumento frágil, mas que, no entanto, já se faz irrefutável no discurso da crítica que se tem debruçado, principalmente, sobre *K. Relato de uma busca*. Deste modo, encontramos como origem do ponto de enunciação base para a organização dos dois romances o desaparecimento real perpetrado pela ditadura brasileira do casal Ana Rosa Kucinski Silva e Wilson Silva - ambos militantes da Aliança Libertadora Nacional (ALN), organização da luta armada de esquerda; ela, ainda, doutora em química e professora da Universidade de São Paulo (USP) e irmã de Bernardo Kucinski - e o processo da busca empreendida pela família de Ana Rosa, inicialmente, pelo paradeiro e logo pelo corpo do casal.

Diante disso, ressaltamos que neste estudo nossa mirada permanecerá voltada para o modo como o escritor paulista articula o seu testemunho pelas linhas da ficção; não há pertinência, cremos, na comprovação da veracidade daquilo que se transforma em motivo para a palavra literária qualquer que seja o texto em questão. Isto posto, vejamos em perspectiva as duas obras.

*K. Relato de uma busca* desenvolve uma narrativa que se passa preponderantemente na cidade de São Paulo, em 1974, no contexto da abertura, em que acompanhamos a saga de K<sup>3</sup>, “velho judeu, escritor e poeta de repente destroçado pelo que fizeram à filha [...]” (KUCINSKI, 2016, p.58), A., professora do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (IQ-USP) e membro de uma organização da luta armada, desaparecida pelo regime. A busca empreendida pelo personagem é materializada no corpo do texto pela voz de um narrador em terceira pessoa que ao desdobrar o percurso de K. alinhava, junto ao seu relato, uma série de fragmentos textuais formados pela dissimulação de outras vozes discursivas, construindo a partir daí a arquitetura do romance. Neste procedimento, uma espécie de jogo narrativo, são identificáveis, por exemplo, falas atribuídas ao torturador Sérgio Paranhos Fleury, a uma amante do torturador, a informantes do regime, a faxineira de um “aparelho” da repressão, professores do Instituto de Química e a da própria A.;

---

<sup>3</sup> Ao longo desse texto, sempre que nos referirmos ao romance utilizaremos o seu título completo, *K. relato de uma busca* ou apenas “K.”, entre aspas, ao passo que quando for mencionado o protagonista do texto de Kucinski, grafaremos o seu nome, K., sem aspas ou qualquer destaque gráfico.

tais vozes desdobradas constituem a carne dos capítulos que formam *K. relato de uma busca*, sendo que ao convocar esses “outros” para o interior da forma do romance, o narrador de Kucinski o faz simulando as suas vozes, como dissemos, em outros gêneros discursivos, de modo que encontramos nos capítulos construções textuais que vão desde uma ata de reunião do IQ-USP até uma carta escrita pela própria A. Ao longo desse estudo nos deteremos na análise desse processo.

Em *Os visitantes*, texto publicado cinco anos após o lançamento de “K.”, o centro narrativo-testemunhal deixa de ser a busca por A. e as marcas pessoais impingidas por esse desaparecimento num presente histórico imediato a ocorrência dos fatos, assim como deixa de ser o velho K. o sujeito que concentra à volta de si e do seu trajeto as demais vozes compositivas do texto, entrando em seus lugares o próprio testemunho ficcionalizado em *K. relato de uma busca* e os sujeitos das falas convocadas – ou aqueles que reclamam as memórias destes – na estruturado romance de 2011.

A mudança do centro narrativo no segundo romance não implica, em si, em uma alteração do ponto de enunciação encontrado no livro anterior, uma vez que este procedimento faz com que encontremos nas páginas de *Os visitantes* a figura do narrador de “K”, agora identificado como B., diante dos desdobramentos gerados pela recepção do seu livro. Ironicamente, apesar das reações expostas pelos onze visitantes que vão até B., capítulo após capítulo, inquirir algo sobre algum aspecto inscrito em “K.”, o narrador por vezes, comenta que a “novela” havia passado incólume ou invisível pela crítica literária, o que, de certo modo, e juntando as pontas do dissemos até aqui, permite com que compreendamos que o texto de *Os visitantes* realiza uma mobilização das reflexões construídas acerca da narrativa empreendida em “K”, criando um testemunho (especular) do tempo presente refratário ao testemunho sobre o desaparecimento e as buscas por A., ansiando nesse mesmo presente pela confirmação da escuta do testemunho verbalizado. Eis o ponto de contato entre as duas narrativas, diálogo que podemos aclarar quando consideramos o pensamento de Michael Joachim (2016), no ensaio “Memória do desaparecimento: a ditadura no romance ‘K. Relato de uma busca’, de Bernardo

Kucinski”, que argumenta que o trabalho de elaboração do passado no texto do escritor paulista “deixa em evidência que a devastação continua: o desaparecimento não termina, o aparelho de repressão continua intacto, os assassinatos estendem seu triunfo aos que ainda vivem e inclusive à geração posterior” (2016, p.28), logo, a necessidade de se construir um relato acerca disso, bem como de acolhido pela escuta atenta do Outro, não cessou.

Ao desdobrar as considerações de Joachim à leitura de *Os visitantes* é necessário que tenhamos no nosso horizonte a compreensão de que a devastação e o aparelho de repressão mencionados pelo crítico dizem respeito não apenas à desapareição de A., uma vez, pois, que o velho K. já havia experienciado trauma semelhante ao narrado por B. no primeiro livro, no contexto da *Shoah*, na Segunda Guerra Mundial. Assim, observemos que a devastação que atravessa as páginas de *K. relato de uma busca*, e que ainda é dada a ver no presente da narrativa de *Os visitantes*, tem suas marcas originárias em um tempo anterior ao da primeira narrativa. A persistência da devastação – tanto do holocausto judeu quanto da ditatorial nos países sul-americanos – caminha em igual passo a persistência da memória e do testemunho, como podemos observar no primeiro capítulo de *Os visitantes*, “A velha com o número no braço”:

Na mão direita [“A velha com o número no braço], trazia a novela visivelmente macerada. Antes mesmo de se apresentar, perguntou: O senhor é o escritor deste livro sobre a professora de química que desapareceu? Sem esperar minha resposta, continuou: Um livro forte e bem escrito, mas tem um erro muito feio que o senhor precisa corrigir. Eu disse: Por favor, entre, senhora... Rebeca, não é mesmo? E perguntei qual era o erro.

A velha, todavia, não se moveu. Ficou ali, de pé, a bengala fincada na soleira da porta, como a demarcar distância. E disse: Regina, meu nome é Regia Borenstein; não vou me demorar, meu motorista está esperando. Eu nem viria se não fosse importante. [...] É sobre o holocausto, o senhor escritor escreveu que os alemães registravam todas as pessoas que matavam, mas isso não é verdade! Só registravam os que eram separados para o trabalho forçado, e só em Auschwitz. A maioria ia direto para a câmara de gás, os velhos, as crianças, os que pareciam fracos; imagine se iam registrar cada um, nem daria tempo, era um transporte depois do outro. Seu livro está errado!

[...]

Consternado, balbuciei um sintoma muito. Então, ela disse: Quem sabe essa Comissão da Verdade descobre... Sumiram com a professora de

química porque era da resistência, não por ser judia. Pois saiba que lá também todos os que foram pegos na resistência sumiram, os nazis reabriram as fossas e queimaram tudo – aposto que isso o senhor escritor também não sabia. Foi um decreto de Hitler, quando viu que a guerra estava perdida.

De fato, eu não sabia. Disse a ela: Aqui os generais decidiram sumir com todos os que conseguissem pegar numa reunião secreta. Ela disse: O decreto do Hitler também foi secreto. Eu disse: Um jornalista chegou a publicar um pedaço da ata dessa reunião, mas quando a ditadura acabou não se encontrou nada. (KUCINSKI, 2016a, p.11, 12-14)

O diálogo entre B. e a velha sobrevivente da *Shoah* é, na verdade, o encontro entre dois sobreviventes que têm nas mãos a necessidade de narrar a experiência sofrida, bem como a de encontrar alguém que escute o seu testemunho. Na fatura do romance, o encontro entre o narrador e cada um dos onze visitantes evidencia a dialogicidade dessa relação; mesmo a preocupação com a leitura de *K. relato de uma busca* pela crítica verbalizada constantemente pelo narrador em *Os visitantes* pode ser compreendida como presentificação dessa marca dialógica própria do testemunho.

Neste sentido, nos reportamos a fala de Márcio Seligmann-Silva (2008), no ensaio “Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas”, que argumenta que o ato de testemunhar para os sobreviventes de eventos como o holocausto ou a Ditadura Militar no Brasil, compreende uma “atividade *elementar*, no sentido de que dela depende a sobrevivência daquele que volta do *Lager* (campo de concentração) ou de outra situação radical de violência (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.66). Essa “carência absoluta de narrar” (op.cit.) advém, em primeira instância, da impossibilidade de esquecimento das situações traumáticas que acompanha cada sobrevivente, de modo que eles são lançados, conforme a filósofa suíça Jeanne-Marie Gagnebin (2006, p.98-99), em um esforço de “tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade.”.

A essas duas faces do testemunho imbrica-se uma terceira que diz respeito a uma certa implausibilidade do relato assim então construído. Seligmann-Silva (2008), no texto citado anteriormente, se reporta a um ensaio de Dori Laub (1995), escritor sobrevivente do holocausto, em que este destaca a impossibilidade de o sujeito que esteve nos campos de concentração “ter condições de se afastar de um evento tão contaminante para poder gerar um testemunho lúcido e íntegro (LAUB, 1995 apud SELIGMANN-SILVA, 2008, p.67), possível enquanto intercâmbio de experiências; compreensão que se aproxima ao que Walter Benjamin desenvolve no clássico ensaio “O narrador”<sup>4</sup>; resumidamente, lembremos que nas suas reflexões o filósofo alemão argumenta sobre “a relação inseparável entre experiência e relato, de modo que o que se compreende como experiência é aquilo “que pode ser posto em relato” movimento tornado inócuo pelos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial (cf. SARLO, 2007, p.26); posições que a quantidade de narrativas que proliferaram, por exemplo, após a Segunda Guerra e após as ditaduras latino-americanas provou não serem tão precisas, de acordo com a tese desenvolvida pela crítica argentina Beatriz Sarlo (2007), no livro “Tempo presente: cultura da memória e guinada subjetiva”.

Ao sobrevivente que se encontra imerso nesse paradoxo, restaria apenas a possibilidade de, então distanciado do epicentro do trauma, construir o seu relato reconhecendo o seu caráter incompleto e avesso a uma verdade incontestável dos fatos e deixando-se imiscuir pela imaginação. O que se coloca em jogo aqui, e neste ponto explicitamos mais uma vez a nossa concordância com o texto de Sarlo (2007), é o direito de lembrar. Retornando aos romances de Kucinski, encontramos na abertura de cada um deles uma espécie de nota do narrador em que parece ecoar as concepções da professora argentina. Observemos. Em “K.”: “*Caro leitor: tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu*”. B. Kucinski” (KUCINSKI, 2016, p.11(grifos do autor). Em *Os visitantes*, por sua vez: “*Tudo aqui é invenção, mas quase tudo aconteceu*”

---

<sup>4</sup> Ver: BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Traduzido por Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012, p.213-240 (Obras escolhidas v. I).

(KUCINSKI, 2016a, p.09(grifos do autor). Entre o que de fato ocorreu – matéria-prima dos relatos – e aquilo que se espraia nos livros está o que poderíamos chamar de ponto de subjetivação do testemunho.

## 2. Dentro da noite

Pensando ainda sobre a questão da subjetivação do ponto de vista que tece o testemunho no objeto literário, como ocorre nos casos em estudo, e colocando em relação de homologia o sujeito-testemunha e a categoria do narrador presente na literatura (e em outras formas discursivas), somos lançados para o pensamento filósofo alemão Theodor W. Adorno (2003), no ensaio “Posição do narrador no romance contemporâneo”, que compreende que a assunção da subjetividade do ponto de vista do narrador implica na evidenciação da distância entre a letra ficcional do literário e o real, que se faz sentir também na forma da narrativa, seu espaço de materialização. Em “K.” e em *Os visitantes*, por exemplo, o testemunho do narrador é articulado em uma estrutura narrativa fragmentada, como já dissemos, formada a partir da articulação de diferentes vozes narrativas no texto; evidenciando, assim, na forma dos romances o que o filósofo russo Mikhail Bakhtin caracteriza como heterodiscurso.

Em “Teoria do romance I: a estilística, Bakhtin (2015) argumenta que

O romance é um *heterodiscurso artisticamente organizado*, às vezes *uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual*. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, modos de falar de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, as linguagens das gerações e das faixas etárias, as linguagens das tendências e dos partidos, as linguagens das autoridades, as linguagens dos círculos e das modas passageiras, as linguagens dos dias sociopolíticos e até das horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), pois bem, a estratificação interna de cada língua em cada momento de sua existência histórica é a premissa indispensável do gênero romanesco: através do heterodiscurso social e da dissonância individual, que medra no solo desse heterodiscurso, o romance *orquestra* todos os seus temas, todo o seu universo de objetos e sentidos que representa e exprime. (BAKHTIN, 2015, p.29-30 (grifos do autor).

Para que consigamos visualizar melhor esta característica do gênero romanesco nos *corpora* analisados, selecionamos primeiramente um trecho do capítulo “A reunião da Congregação”, parte de “K.”, em que é recriada pelo narrador a reunião em que os pares de A. no Instituto de Química discutiram e votaram a demissão da professora – desaparecida - por abandono das funções. Vejamos:

Preside a reunião o diretor do Instituto, professor, Ernesto Giesbrecht, patriarca da química brasileira, membro da Academia Brasileira de Ciências, comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico, discípulo e orientando do próprio Rheinboldt. Giesbrecht já morreu. Não sabemos o que passou pela sua cabeça durante a reunião, podemos apenas imaginar.

*Vai ser uma reunião penosa, espero que passe rápido. Afinal, foi um ultimato. Se o Heinrich estivesse vivo, não acreditaria. Ele que fugiu da Alemanha por causa da família judia de sua mulher. Tenho certeza de que ele agiria como eu; afinal, ele fundou o departamento de química e não gostaria de ver tudo destruído por causa de uma única pessoa, além disso uma professora comum, apenas com o grau de doutor. Se fosse um titular, um livre-docente, mas uma mera professora doutora... Química é liderança, temos que preservar as lideranças. Ainda bem que a votação é secreta, assim ninguém se expõe, ninguém vai saber quem aprovou a demissão. É claro que pelo mesmo motivo poderia dar o oposto, por isso mesmo combinei tudo antes. Espero que dê certo.*

O que ele disse está na ata:

É grande minha satisfação em receber pela primeira vez como membro da Congregação o Professor Doutor Otto Richard Gotlieb, recentemente empossado no cargo de Professor Titular junto ao departamento de química fundamental, é uma honra este colegiado poder contar com sua colaboração. Tendo sido aprovada por unanimidade a agenda da 44ª reunião, passemos à ordem do dia, que tem como primeiro item a recontração do Professor aposentado Henrique Tastaldi.

O professor Francisco Jerônimo Sales Lara, oriundo da Faculdade de Filosofia, cogita pedir a palavra. Por enquanto pensa. Imaginemos que pense assim:

*Esse malandro do Tastaldi; agora vai acumular a aposentadoria com salário de professor titular. Aprovam a recontração e, em troca, ele reafirma os termos da comissão processante. É o seu prêmio pela cumplicidade com a repressão. Na Filosofia isso nunca teria acontecido. Todo mundo sabe que a professora foi presa pelos órgãos de segurança. O pai esteve aqui, teve anúncio em jornal, reportagem, a lista dos vinte e dois desaparecidos do cardeal. Meus Deus, onde é*

*que eu vim parar. Este antro de reacionários e gente sem espinha, e dizer que a maioria são judeus fugidos do nazismo ou seus orientandos.* (KUCINSKI, 2016, p.142-143 (grifos do autor)

No recorte acima observamos a presença de três discursos mobilizados por B., na ordem em que aparecem: a própria voz do narrador, a voz do professor Ernesto Giesbrecht no seu pensamento simulado também pelo narrador e mais uma vez a voz de Giesbrecht, agora num trecho da ata reunião da Congregação do Instituto de Química; notemos ainda que, além das três vozes, há no trecho a presença de um outro gênero discursivo, a ata, que ao ser incorporado à estrutura do texto romanesco é estilizado tornando-se também um elemento organizador de efeitos de sentido na narrativa de Kucinski, mesmo que aquele seja o texto de uma ata real, documento que atesta fatos e discursos realmente acontecidos e proferidos em uma reunião também real.

A orquestração das três vozes no romance é dada a ver também pelo modo como elas aparecem gravadas na página do texto. Observemos que a voz do narrador aparece escrita em tipografia normal, sem destaque, enquanto o pensamento simulado é grafado em itálico e o texto da ata aparece também sem destaque tipográfico, mas isolado na página por espaçamentos que o antecedem e o sucedem. Tal procedimento demonstra na página a delimitação “exata” de cada fala, evidenciando, assim, a separação de cada uma das três vozes entre si.

Se nos detivermos por alguns instantes no excerto do romance, observaremos que as vozes do professor Giesbrecht – o pensamento simulado e o texto da ata – dialogam entre si, como se uma voz justificasse a outra, de modo que pela estrutura dialógica o narrador mobiliza a arbitrariedade da reunião. Retomemos o trecho final do pensamento simulado do professor Giesbrecht transcrito acima: *“Ainda bem que a votação é secreta, assim ninguém se expõe, ninguém vai saber quem aprovou a demissão. É claro que pelo mesmo motivo poderia dar o oposto, por isso mesmo combinei tudo antes. Espero que dê certo”* (KUCINSKI, 2016, p.143 (grifos do autor). Contrastemos esse trecho com o fragmento abaixo, retirado dos dois últimos parágrafos do capítulo:

O professor Giesbrecht explica a todos os presentes que a comissão decidiu segundo o conjunto probatório, como está no relatório, e deu maior peso à declaração do ministro Armando Falcão de que não consta registro de a professora ter sido presa.

Passou-se à votação secreta do relatório propondo a demissão da professora. Foi aprovado por treze votos favoráveis e dois votos em branco e assim encaminhado ao magnífico reitor, Orlando Marques de Paiva. Dois dias depois o desligamento da professora foi publicado no *Diário Oficial* por ato do senhor governador do estado, Paulo Egídio Martins, outro que nunca se desculpou. (KUCINSKI, 2016, p.148)

A partir da leitura dos fragmentos transcritos é possível que observemos a construção da imagem do Instituto de Química - que evidencia e é evidenciada pelo caráter heterodiscursivo do romance - atua como uma espécie de simulacro do estado de exceção próprio do período ditatorial. Vejamos, pois, o fato de o texto do romance notabilizar a decisão da Congregação como um ato arbitrário e violento contra um indivíduo em nome da manutenção de uma suposta ordem institucional. A professora, no caso, é para o Instituto o outro que subverte ou tenta subverter uma dada ordem estabelecida e que deve por isso ser silenciado, assim como o foi para o regime. Outro dado que também chama a atenção para a possibilidade que ora apontamos é o fato de a decisão da demissão da professora ter sido votada mediante a recomendação de um parecer do ministro da Justiça Armando Falcão, que nas entrelinhas verbalizava a ordem direta da demissão, como visto no trecho citado acima.

Diante disso, é imperioso que realizemos mais uma elucubração. Etimologicamente, os vocábulos “congregação” e “congresso” estão aproximados, ambos têm raiz latina<sup>5</sup> e semanticamente dizem respeito a uma reunião de pessoas, que em uma das acepções possíveis, devem tomar decisões relativas a algo de domínio público (cf. CUNHA, 2010, p.172). A aproximação etimológica remete-nos para um dado contextual: assim como no caso da Congregação, como exposto no romance, durante o período ditatorial,

---

<sup>5</sup>Com raízes latinas, os termos *congregação* e *congresso* são formações em língua portuguesa derivadas das formas *congregatio* e *congressus*, respectivamente (cf. SARAIVA, 2000, p.282).

eram as decisões do Congresso Nacional também pautadas pelos interesses do regime.

Em os visitantes, por outro lado, a dissimulação do discurso do Outro como efeito estético é substituída pelo uso preponderante do discurso direto na introdução da fala das personagens. Vejamos, por exemplo:

Estávamos conversando há quase uma hora. O rapaz desligou o gravador e o guardou. Sorriu, como que agradecendo a entrevista. Só então me dei conta de que não lhe tinha oferecido sequer um café. Pedi que esperasse e tirei dois expressos na maquininha. Ao servir, recebi dele um livro. Ele disse: É do meu pai. Abri e vi que tinha uma dedicatória. Só então me dei conta de que ele era filho de um escritor israelense, e um dos mais ferozes críticos da ocupação dos territórios palestinos (KUCINSKI, 2016a, p.68)

Mesmo quando consideramos o caso expresso em *Os visitantes*, a orientação ético-estética do heterodiscurso no texto - e o que disso se pode depreender enquanto significação - levam-nos a um segundo nível, que, apesar de preceder o primeiro na montagem narrativa, só é acessado em uma leitura um tanto mais cuidadosa por levar ao reconhecimento de uma consciência narrativa que alinha e tece os discursos na malha do texto. Sobre esse viés da composição da forma do romance, Bakhtin (2015) comenta:

Para o prosador, o objeto é o ponto de concentração de vozes heterodiscursivas, entre as quais deve ecoar também a sua própria voz; essas vozes criam o campo necessário para a voz do prosador, fora da qual os matizes de sua prosa ficcional são imperceptíveis, "não ecoam". (BAKHTIN, 2015, p.51 (grifo do autor))

A partir da fala do filósofo russo, podemos traçar o entendimento de que a orientação heterodiscursiva em que o testemunho é organizado pelo narrador de "K." faz erigir no relato uma compreensão aguda do contexto gerador dos eventos traumáticos, acessada na página do romance enquanto efeito de sentido produzido pelo texto. É necessário que retomemos aqui, no entanto, o texto de Beatriz Sarlo que citamos no desenvolvimento da primeira parte deste estudo. Sarlo (2007), argumenta a partir do pensamento de Paul Ricoeur, que

Paul Ricoeur se pergunta, no estudo que dedica às diferenças já clássicas entre história e discurso, em que presente se narra, em que presente se rememora e qual é o passado que se recupera. O presente da enunciação é o “tempo de base do discurso”, porque é presente o momento de se começar a narrar e esse momento fica inscrito na narração. Isso implica o narrador em sua história e a inscreve numa retórica da persuasão (o discurso pertence ao modo persuasivo, diz Ricoeur). Os relatos testemunhais são “discurso” nesse sentido, porque têm como condição um narrador implicado nos fatos, que não persegue uma verdade externa no momento em que ela é enunciada. É inevitável a marca do presente no ato de narrar o passado, justamente porque, no discurso, o presente tem uma hegemonia reconhecida como inevitável e os tempos verbais do passado não ficam livres de uma “experiência fenomenológica” do tempo presente da enunciação. O presente dirige o passado assim como um maestro, seus músicos, escreveu Italo Svevo. E, como observava Halbwachs, o passado se distorce para introduzir-se coerência. (SARLO, 2007, p.48-49)

Logo, todo o jogo de compreensão possibilitado pelo texto apenas se constitui enquanto tal e evocando os sentidos que evoca porque este se situa em um *topus* temporalmente distanciado do passado; o que parece explicar, por exemplo, os embates que motivam a narração de *Os visitantes*, como colocamos no início deste texto.

### 3. Considerações finais

A evidenciação do heterodiscurso como nódulo constitutivo da materialização do testemunho na forma dos dois romances leva-nos à compreensão de que B. ou Bernardo afasta em seu discurso a possibilidade de conciliação com o passado, com a abertura tutelada pela ditadura e tão bem agenciada por seus grupos opositores (cf. LÍSIAS, 2016, p.243) ao contrário disso, “K.” e *Os visitantes* parecem tencionar tocar o trauma para trazê-lo ao tempo presente, para inscrever e firmar a integridade de um corpo vilipendiado pelo estado brasileiro. A mobilização das memórias nos dois romances obedece a uma lógica da exposição do confronto, mesmo que simulado por uma consciência criadora, entre as vozes que se punham – e, de certo modo, ainda estão hoje – em disputa naqueles anos anoitecidos.

Entendemos, ainda que a dissimulação do discurso do outro em “K.” e, em menor grau, em *Os visitantes* pode ser compreendida como efeito estético

que responde a uma “utopia de um relato ‘completo’” (SARLO, 2007, p.50). Observemos derradeiramente que as vozes dos agentes do regime, da irmã desaparecida, do velho K. e de cada um dos visitantes, por exemplo, são inscritas no corpo dos romances, como já dissemos em outros momentos, pela própria voz do narrador que, além disso, também as organiza na arquitetura das obras. Ou seja, temos, observando os *corpora* como se por uma lente grande angular, a imagem de um testemunho que singulariza o seu ponto de enunciação pela sua própria partição. A dialogicidade que os textos de Kucinski apresenta, de acordo com a compreensão que buscamos traçar ao longo deste estudo, aponta - depois de transposta a linha da dissimulação e da organização dos discursos – para aquele que ouve o seu testemunho, o leitor, buscando nesse outro distante e alheio àquele trauma, em específico, uma recepção responsiva, encerrando essa etapa do circuito do testemunho.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In.: ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2003. p. 55-64.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Teoria do romance I: A estilística*. Traduzido por Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Especial: Romances sobre a ditadura no Brasil. Recife, *Pernambuco*. Suplemento. 2013. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-antteriores/93-especial/1574-romances-sobre-a-ditadura-no-brasil.html> . Acesso em 05 abr. 2017.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo, Editora 34, 2006.
- GINZBURG, Jaime. Imagens da tortura: ficção e autoritarismo em Renato Tapajós. Brasília, *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. n.21, p.129-142, 2003.
- LÍSIAS, Ricardo. O que os fortes queriam? Uma análise de “O que é isso, companheiro?” e “Os carbonários”. Brasília, *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. n.48, p.229-246, maio/ago., 2016.
- MICHAEL, Joachim. Memória do desaparecimento: a ditadura no romance *K. Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski. São Paulo, *Teresa: revista de literatura brasileira*. n.17. p.15-30, 2016.

KUCINSKI, Bernardo. *K. Relato de uma busca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KUCINSKI, Bernardo. *Os visitantes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SCLIAR, Moacir. Quatro momentos do golpe. Brasília, *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. n.27, p.99-100, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Rio de Janeiro, *Revista de Psicologia clínica*. vol.20, n.1, p.65-82, 2008.